

REVISTA POIÉSIS

Poiésis, revista do Programa de Pós-graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da UFF, foi o tema dessa mesa. Publicada semestralmente, ela é dedicada à divulgação de contribuições de todas as disciplinas e áreas de conhecimento que tenham as artes (artes visuais, dança, teatro, música, *performance*, cinema, vídeo, web-arte, instalações sonoras) como objeto de reflexão, e seu objetivo é a publicação de trabalhos científicos inéditos que tratem de forma substantiva as questões pertinentes à produção das artes e do pensamento crítico na contemporaneidade, atuando no campo ampliado das artes.



Participantes

Luciano Vinhosa. Artista visual; professor do Departamento de Arte e do Programa de Pós-graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da UFF. Doutor em Études et Pratiques des Arts pela Université du Québec à Montréal, Canadá, mestre em artes visuais pela UFRJ, graduado em arquitetura e urbanismo pela UFF. Foi editor da *Poiésis* de 2008 a 2012.

Luiz Sérgio de Oliveira. Artista. Professor titular de artes / poéticas contemporâneas do Departamento de Arte e do Programa de Pós-graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da UFF. Doutor em artes visuais (história e teoria da arte) pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFRJ. Mestre em arte pela Universidade de Nova York, Estados Unidos, graduado em artes visuais (pintura) pela EBA/UFRJ. Editor da *Poiésis* entre 2011 e 2014.

Viviane Matesco. Doutora em artes visuais pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UFRJ. Crítica e curadora. Professora de história da arte na UFF, tendo lecionado também na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Atual editora da *Poiésis*.

Debatedor

Jorge Menna Barreto. Professor adjunto no Departamento de Linguagens Artísticas do Instituto de Artes da Uerj.

Jorge Menna Barreto

Boa noite, bem-vindos.

“Meu pseudônimo é Anna. Eu sou uma das sete irmãs das Plêiades, que habitam a Constelação de Touro. No céu, sou uma e sou muitas, e, como humana, sou tudo e não sou nada. Cada ato que executo é o fiel presságio de outros que, no futuro, se repetirão. Busco em cada palavra o peso, a intensidade, as presenças de certezas. Mas quais certezas? Tu não achas que há algo errado com as certezas?”

Esse é um pequeno trecho de Ana Maria Maiolino que está publicado na edição de julho de 2016 da revista *Poiésis*, editada pela Universidade Federal Fluminense, à qual pertencem nossos convidados desta noite: Luciano Vinhosa, Viviane Matesco e Luiz Sérgio de Oliveira. Bem-vindos e obrigado por terem aceitado o convite. Gostaria de chamá-los à mesa, por favor.

Luciano Vinhosa

Boa noite, quero agradecer o convite para estar aqui nesta mesa sobre nossa revista. Vou falar um pouco sobre o que foi o trabalho de reestruturação da proposta editorial que fizemos. A revista já existia quando entramos no programa. Estou me referindo a “nós” porque acho que tem uma data de virada, que é quando eu, Luiz Sérgio e Vergara entramos para o programa. Foi em 2008, a revista já existia, mas suas mudanças fazem parte das mudanças que posteriormente iríamos fazer no programa de pós – Ciência da Arte mas passou a ser Estudos Contemporâneos das Artes (PPGCA). Essa reformulação da pós foi feita a partir de um projeto de revisão estrutural e curricular levado a cabo em 2012 pelo professor Luiz Sérgio, que na época era o coordenador, e eu, o vice. A ideia era



priorizar as pesquisas em artes tendo a revista como ponto de apoio, colocando em dia os debates da área. Esse programa de Ciência da Arte, inspirado em um homônimo da Universidade de Paris I, na França, era um pouco confuso, começando pelo nome que dava margem a certos equívocos. A proposta era ambígua quanto à área de concentração dos estudos, confundindo-se frequentemente com a antropologia, e tinha essa coisa da ciência... Nós queríamos fortalecer a arte, colocá-la como objeto central de nossos estudos, embora transpassada metodologicamente por outras disciplinas, como deve ser uma abordagem contemporânea. Na verdade, tudo começou com a revista, mas estávamos pensando e ainda estamos em um projeto político-pedagógico mais ambicioso, que envolveu também a criação de um curso de bacharelado em artes e, por consequência, o fortalecimento da área das artes na UFF, que é ainda muito insignificante. O projeto implicava igualmente a renovação de nosso quadro docente. O momento foi oportuno porque o governo federal na ocasião estava implantando o Reuni (Reestruturação e Expansão das Universidades Federais), e a criação de um curso de graduação significava novas vagas para professores no Departamento de Arte no qual estamos lotados. Pensar um curso de graduação integrado à proposta de uma pós-graduação nos pareceu promissor enquanto projeto pedagógico de maior envergadura. Nesse sentido, não poderia deixar de mencionar aqui a importância do professor Helio Jorge que, na época, coordenou o projeto de criação do bacharelado. É um esforço que já tem uma certa história... tudo começou com a revista.

Eu trouxe alguns exemplares dos primeiros números para se ter uma ideia do que era essa revista antes de sua reformulação.

Esta foi a última edição antes de assumirmos [mostra um exemplar do número 10]. A revista não tinha exatamente um perfil editorial. Juntavam-se artigos que iam sendo submetidos ao longo do ano, sem nenhum critério editorial. A ideia, quando propus o projeto editorial, foi um pouco criar esse perfil a partir de seções temáticas, que foram mudando ao longo desses anos. Cada novo editor foi mudando um pouco, discretamente... Eu fui o primeiro editor, eu e Martha D'Angelo; depois vieram Luiz Sérgio e, hoje, Viviane.

Este [mostra um exemplar do número 11] foi o primeiro no formato novo. Como podem ver, mudamos o *design* e a subdividimos em seções. A revista passou a abrir com a seção Editor convidado. Pretendíamos justamente com essa seção ampliar a aproximação com os outros programas de arte, tanto os do Rio de Janeiro quanto os de outras regiões do país, convidando pesquisadores de destaque a colaborar como editores na *Poiésis* por meio de seus temas de pesquisa. Por outro lado, pretendíamos também nos inserir no circuito mais amplo dos programas de pós-graduação em artes no país e no exterior, dando visibilidade ao nosso curso e às nossas pesquisas. Alguns professores da UERJ colaboraram conosco, Marisa Flórido, na época ainda uma pesquisadora independente, e Sheila Cabo, por exemplo. Que me lembre, da UERJ foram somente essas duas professoras. Havia uma seção diferenciada, que hoje ainda existe, mas que, na ocasião, tinha outra proposta: Conexão internacional. Originalmente era uma seção bilíngue, o que nos redeu muito trabalho e custos adicionais. Um pesquisador estrangeiro, em geral conhecido por um professor da casa, era convidado a dividir a seção com ele, discutindo um assunto de comum interesse. O artigo do convidado era publicado na língua original e em português do mesmo modo que o do professor do PPGCA. A intenção era

estabelecer um diálogo que nos aproximasse mais de nossos pares no exterior. Pensamos também em fazer uma coisa diferente para valorizar o trabalho do artista, algo que saísse da tradicional página impressa e que se adaptasse melhor aos formatos mais atuais. Pensamos no DVD – um DVD encartado na revista. Eu não trouxe nenhuma revista que tenha o DVD, mas fizemos alguns números assim, convidando alguns artistas, como Felipe Barbosa, Laura Lima... Fizemos alguns números com esse DVD, mas por pouco tempo, pois a produção dessa mídia-objeto não se mostrou muito prática. Implicava custos adicionais e necessitávamos de uma pessoa qualificada para executá-la. Contávamos apenas com o trabalho de mestrandos e por curto tempo... De dois em dois anos, tudo muda em um curso de mestrado. Acabamos abrindo mão do DVD. As dificuldades fazem parte da experiência de editoria, e com o tempo fomos sendo obrigados a nos impor mudanças e nos adaptar às nossas condições adversas. Além dessas seções, tínhamos outras mais comuns como as de artigos livres, traduções, a página impressa do artista, resenhas e, às vezes, entrevistas. Algumas seções eram intermitentes.

Além do projeto editorial, outra coisa evidente que se impôs e pôde ser trabalhada ao longo dos anos foi o aspecto estético da revista, seu *design*. Era uma revista de arte que não comportava imagens, a diagramação extremamente desagradável e descuidada, feita às pressas. A vontade de aperfeiçoar o *design* começou por esta aqui [mostra um exemplar do número 11, primeiro realizado sob o novo projeto editorial]. Esse *design* austero, que acolhemos, foi um professor da Comunicação que propôs, mas acabou sendo modificado um pouco. Segundo a proposta original, todos os volumes seriam pretos, como este primeiro. Achamos por bem, para quebrar o excesso de austeridade,



variar as cores das diferentes edições, de modo a compor uma paleta, uma aquarela, como se vê em nosso site. Mas a parte da diagramação tentamos trabalhar sempre em cima da padronização proposta. Trabalhamos todos esses anos sempre com a mesma *designer*, que é uma ex-aluna, hoje funcionária da UFF. Ela cobra um preço bem acessível, porque tudo isso é mantido por intermédio do PROAP, e nestes últimos anos, acho que desde 2015, reduziu-se a quase nada, uma verdadeira ninharia. Esta aqui foi a primeira, e dá para ver, por exemplo, que a diagramação e a fonte usada ainda não estão bem trabalhadas... Eu trouxe outra, já de quando Luiz Sérgio assumiu a editoria, porque mostra bem a evolução do *design* e a qualidade a que chegamos: mudamos o papel, a tipologia e finalmente chegamos a um padrão que consideramos bem razoável, mas que ainda conserva a austeridade da proposta original... até o momento estamos usando imagens em preto e branco. Ao longo de todo esse período, tivemos a preocupação, em termos de conteúdo, de publicar artigos interessantes para a área das artes. Nos preocupamos também com a qualidade estética; afinal, é uma revista de arte, e a estética não é só um capricho, faz parte do conteúdo profundo. Todo esse périplo se refere à era do papel, mas essa era passou...

Ainda publicamos um número recente da revista, acho que o 24, em papel, mas atualmente deixamos de o fazer porque é muito oneroso e as dificuldades com distribuição e arquivamento são enormes. Por outro lado, com o conhecimento de todos, a Capes cortou a verba PROAP em cerca de 70%. Manter o ônus de uma publicação em papel se tornou inviável. Aliás, é um parto permanente, mesmo para edições *on-line*. A cada número os problemas que enfrentamos em termos de execução são enormes, considerando a infraestrutura que temos, que é nenhuma. A equipe com a qual contamos



somos nós mesmos, os professores que assumem a editoria. Fazemos a revisão do português, as traduções, organizamos os arquivos de imagens para a pré-edição... Contamos com a colaboração esparsa e inconstante de alguns mestrands que se engajam parcialmente no processo de produção, não se dedicam de forma integral... enfim, as dificuldades são enormes e requerem espírito de doação ao coletivo sem o qual uma pós-graduação não anda; aliás a universidade pública não anda se cada professor apenas cuidar de sua carreira individual. E aqui fica um recado para quem ainda não entendeu o que é trabalhar em uma universidade pública, trabalho que transcende em muito o tempo de permanência em salas de aula e à carreira individual de cada professor. Estamos aqui para conversar sobre uma revista que para mim foi uma experiência importante e muito enriquecedora. Enfrentar todas as etapas de editoração, desde o momento em que se faz a chamada para a submissão, recolhimento dos artigos, seleção daquilo que nos interessa (contando certamente com a valiosa colaboração dos colegas no processo de revisão técnica e nos pareceres de artigos), padronização do material enviado, organização dos arquivos para, enfim, passar para a *designer* e depois revisar o seu trabalho, enviar para a gráfica, revisar a prova gráfica, tudo isso é um trabalho extremamente árduo de doação, mas que nos traz uma tarimba profissional muito grande. Quem vê o material final impresso não pode imaginar todas as etapas por que se passou. Bem, acho que é isso o que tenho para comunicar sobre minha participação na *Poiésis*, revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes (PPGCA), e à qual estive diretamente ligado de 2010 até 2012, quando fui seu editor; do final de 2013, no retorno de meu pós-doutorado, quando me tornei coordenador do



programa, até maio de 2017, quando deixei a coordenação. Passo agora a palavra para a professora Viviane, nossa atual editora.

Viviane Matesco

Boa noite. Queria agradecer o convite da UERJ; estou muito feliz de estar aqui. Gostaria de dizer, primeiramente, que a *Poiésis* não é uma revista de arte; é de artes. Isso caracteriza muito o nosso programa; nós não trabalhamos só com artes visuais, mas também com sonoridades, com dança, com teatro e áreas afins, antropologia, sociologia. Então, é um programa extremamente marcado por essa interdisciplinaridade, voltado para o experimentalismo. Em função disso, a estrutura da revista divide-se, como Luciano adiantou, em: dossiê temático; páginas de artistas; Conexão internacional; artigos; resenhas; e também tem a parte de ditos e escritos, na qual a cada dois anos publicamos os resumos das dissertações defendidas. Nos dossiês, então, convidamos pessoas de fora ou professores do próprio programa, e geralmente têm que ser encomendados com um ano de antecedência, porque são ensaios que ainda serão escritos. Para vocês terem uma ideia, eu estou há dois anos como editora, teve um dossiê preparado por Tato Taborda sobre sonoridade, com textos de Alexandre Fenerich, Giuliano Obicci e vários outros autores. Também teve um dossiê sobre curadoria, organizado por Ivair Reinaldim, com autores como Luiz Camillo Osorio, Lisette Lagnado, Marisa Flórido, entre outros. E também, por exemplo, o último número, sobre Eugenio Barba, já ouviram falar? Conhecem? Eu não conhecia, e é muito bacana ser editora de uma revista e a professora de teatro falar assim “vamos fazer um dossiê sobre Eugenio Barba?” E eu falar “quem é?” E simplesmente “é um monstro sagrado de um teatro



antropológico, já está com 70 e tantos anos, temos que fazer alguma coisa”. Tem essa amplitude; estive também como editora do número cujo dossiê foi organizado por Pedro Hussak, que é colaborador do nosso programa, mas professor da Universidade Federal Rural; foi um dossiê em torno de Peter Osborne. Estou querendo mostrar justamente a variedade temática dos dossiês. Os artigos são totalmente livres, não precisam estar referidos a uma questão. Estou muito contente de estar com essa função, embora o trabalho seja muito pesado, pois fazemos tudo, até mesmo a revisão. Tem alguns alunos que ajudam, mas eu tenho que revisar o trabalho dos alunos; não ter revisor é algo braçal mesmo e também a programação visual ainda temos que melhorar. Estou propondo ter mais de um editor, porque apenas um fica um pouco pesado. Estou como editora há dois anos, e vamos ver como vai ser o futuro. Passo então para Luiz Sérgio e depois respondo às dúvidas.

Luiz Sérgio de Oliveira

Boa noite a todos, gostaria de agradecer o convite e, mais do que isso, dizer que tenho uma grande alegria em estar aqui na UERJ, ver a UERJ pulsando, ativa. A UERJ tem uma importância extraordinária para a cidade, para o estado e para o país, e é muito bom vê-la funcionando de novo, enfrentando suas dificuldades como nós também temos que enfrentar as nossas; ver a UERJ funcionando é ótimo.

São muitas questões que vão surgindo à medida que ouvimos os colegas, mas eu não vou falar de problemas. Eu queria voltar um pouquinho, quando o Luciano falou da revista, do programa e da tal virada. Assumimos, eu e ele, a coordenação em 2008 e tínhamos como projeto reformular um programa que era, sem meias palavras, desacreditado no

meio acadêmico, no meio acadêmico das artes. A ideia era reformular o programa sem que isso significasse um processo de extinção daquele mesmo programa. Muitas vezes pode parecer mais viável você começar do zero em vez de assumir um programa que já existe e tentar reformatá-lo; mas foi o que decidimos fazer, considerando a história do programa e de todos aqueles que haviam passado pelo PPGCA. Ter um diploma de um programa que foi reformatado é uma coisa, de um programa que foi extinto é outra coisa. Então a opção foi pelo trabalho mais árduo, e nós enfrentamos a situação. De imediato, Luciano assumiu a editoria da *Poiésis*. Nós entendíamos então que a *Poiésis* funcionaria como uma forma de apresentação, uma espécie de cartão de visita da virada no programa. Isso implicou um esforço muito grande. Para se ter uma ideia, naquela ocasião, 2009, a *Poiésis*, com suas duas edições anuais, consumia algo na faixa de 70% a 75% do PROAP do programa; era um esforço extraordinário. E isso só foi possível porque contávamos com a ajuda das instituições, ou melhor, com a ajuda dos professores das instituições que estão próximas a nós. Pelo Brasil afora, em universidades instaladas em situações de certo “isolamento”, o PROAP é usado na composição de bancas, já que se tem que trazer professores de outros estados; então o PROAP é consumido nesse processo de deslocamento e de acolhimento de docentes que estão em outras cidades e outros estados. Com a Federal Fluminense instalada em Niterói, muito próximo da UERJ, da UFRJ e da Unirio, contamos com docentes dessas instituições para compor nossas bancas. Assim, pudemos alocar os recursos do PROAP na produção da revista *Poiésis*, entendida como uma espécie de caminho para que estabelecêssemos canais de comunicação com a pesquisa dos docentes de outros programas Brasil afora. Eu estava aqui pensando também sobre a implicação das revistas em si, a relevância das revistas



acadêmicas ligadas aos programas no Brasil... Quando pensamos na própria pós-graduação no campo das artes, é preciso lembrar o quanto ela é recente, tem menos de 40 anos, com a USP, adiante com a UFRJ, já na década de 1980.

Viviane Matesco

Comparada a outras áreas...

Luiz Sérgio de Oliveira

Na verdade, um dos dramas que enfrentamos com grande dificuldade é justamente entender como se constitui a área das artes, que partiu de um modelo que está além de nós. Mas pensando exatamente na importância das revistas, se lembrarmos, recuando um pouco mais, talvez na década de 1970 virando para a década de 1980, o que nós tínhamos no Brasil, em termos de publicação de artes era algo pífio: havia um esforço da Funarte em fazer alguma coisa, tínhamos alguns esforços isolados, grupos de artistas, mas algo muito inconsistente, não em termos de qualidade, mas em termos de escopo, de amplitude, de continuidade. Eram poucas as revistas; talvez a *Gávea* tenha tido uma história e uma contribuição que vão além do que eu estou dizendo; mas hoje, ao contrário, nós temos no Brasil uma quantidade bastante interessante de revistas que publicam regularmente no campo das artes. As publicações, quase todas – não consigo lembrar nenhuma que seja diferente – são semestrais e permitem que as pesquisas desenvolvidas nos programas, tanto aquelas dos docentes quanto as dos estudantes de mestrado e principalmente de doutorado, tenham acesso a esse canal para dar visibilidade à produção. Então, acho que temos que considerar, para além da *Poiésis*, a



questão singular desse cenário que se compõe com as publicações dos programas de pós-graduação no Brasil no campo das artes. Temos um desafio muito grande...

Eu tenho uma dúvida a respeito da versão digital das revistas. Há muito que as revistas de arte – praticamente todas – têm o conteúdo integral disponibilizado *on-line* com acesso livre; por outro lado, muito recentemente, diante da crise pela qual estamos passando que tem afetado tremendamente as pesquisas e os programas de pós-graduação, são poucas as revistas impressas; nesse sentido, é ótimo ver a UFRJ, por exemplo, mantendo a *Arte & Ensaios* como publicação em papel, impressa...

Fernanda Pequeno e Viviane Matesco

Foi a última.

Luiz Sérgio de Oliveira

Pois é. A minha questão, se por um lado a disponibilização *on-line* elimina o problema de distribuição, por outro lado fico me perguntando – e é claro que isso pode ter a ver com meus cabelos brancos –, eu fico me perguntando se a materialidade do papel, da revista, o quanto isso é importante. O que eu quero dizer não é nenhum fetiche com o papel ou com a revista impressa...

Viviane Matesco

Eu acho que são os nossos cabelos brancos.

Luiz Sérgio de Oliveira

A minha dúvida é se nós, nesse processo de disponibilização da revista *on-line*, estamos de fato facilitando o acesso ou se é apenas algo que é colocado como outros tantos conteúdos, algo que simplesmente está lá. Quando você tem uma revista, quando, por exemplo, faz o lançamento de um número da revista, você chama atenção para esse objeto, como que clamando por sua leitura; por outro lado, quando colocamos esse conteúdo na internet, a minha dúvida é se estamos simplesmente colocando lá...

Viviane Matesco

E eu acho que diminui o peso simbólico da revista de arte, que tem uma tradição muito grande. O papel tem todo o aspecto visual da programação e há aquelas revistas que editam serigrafias. Acho que tem um preciosismo relacionado com a questão da arte, por exemplo, que uma revista de biologia não tem; nós temos essa especificidade; então nisso se perde um pouco.

Luiz Sérgio de Oliveira

Quando Viviane lembra a especificidade de nossa área, eu acho que os recursos visuais podem e seguramente serão explorados. Luciano mencionou que a Poiésis, em alguns números, teve um DVD encartado. Já uma publicação digital pode ter isso direto na rede, portanto, a versão digital tem novas possibilidades a explorar. Minha preocupação, porém, não se resume à versão digital, e posso estar enganado, talvez esteja, quero mesmo estar enganado. Todos reconhecemos que as revistas têm uma importância extraordinária como forma de divulgação das pesquisas que estão sendo realizadas no Brasil. Minha dúvida é o quanto essas pesquisas estão sendo lidas, em papel ou não, o



quanto nós, professores, alunos, alunos estimulados pelos professores, estamos de fato nos debruçando sobre nossas revistas. Essa é uma dúvida, sobre qual aparece outra: se a versão digital facilita ou se, ao contrário, dificulta ainda mais esse processo. É claro que quando você tem uma publicação em papel, você tem o problema de fazer essa publicação chegar a seu leitor, enquanto a publicação *on-line* já está disponibilizada. Mas será que chega ao leitor?

A própria avaliação dos periódicos pela Capes se dá pela versão digital; se um programa não tem a versão digital, não importa se tem a versão impressa. Não ter a versão digital é como se a revista não existisse. É inegável a importância da Capes para a pós-graduação, como responsável por acompanhar e avaliar os programas. Nós estamos no meio de um processo avaliativo, mas esse processo lá pelas tantas se transforma em um processo indutor de políticas que fazem com que os programas assumam esta ou aquela orientação. Um exemplo: se os programas não têm recurso, se o PROAP sofreu um corte de 70% e se o que vale para a Capes, em relação às revistas, é a versão digital, parece que esse é o caminho que se desenha e que se segue para além da vontade dos próprios programas, dos docentes e do corpo discente. Para terminar esta primeira intervenção, quero dizer que, conforme frisaram Luciano e Viviane, a experiência como editor da *Poiésis* foi muito rica. Na posição de um editor, você se obriga a estabelecer com o material que chega outro patamar de leitura, de atenção e de dedicação; algo que de alguma maneira você incorpora à sua própria experiência acadêmica...

Viviane Matesco



É importante falar sobre os pareceres. Temos pareceristas do programa e externos e implementamos agora o parecer às cegas; pedimos para as pessoas enviarem o artigo com a definição de nome separado e então distribuímos os artigos sem a pessoa saber o nome. E é muito importante; obviamente há professores que fazem por obrigação, mas há aqueles que leem atentamente e fazem sugestões, e é impressionante como os artigos melhoram. As sugestões são importantes, os artigos ficam aprimorados; isso é algo que como editora eu fiquei sabendo; tive essa experiência, e é bacana.

Luciano Vinhosa

Só para completar, acho que aqui no Brasil essa coisa do parecer técnico, quando se trata de uma negativa, é tomado como ofensa pessoal. Eu aprendi, quando seguia meu dourado no Canadá, que esse retorno, essa crítica é muito importante, sobretudo quando o artigo é recusado. A experiência de ter morado fora do Brasil, no contexto de uma sociedade mais rigorosa no trato com as pessoas, me fez amadurecer intelectualmente. A partir dessa experiência pessoal, passei a achar que o retorno de uma negativa era fundamental. Alguns autores, porém, cujos artigos foram recusados para publicação, me respondiam às vezes de forma muito malcriada e ofensiva em função de um parecer que nem sequer tinha sido formulado por mim. Ainda temos dificuldades de entender como um parecer, mesmo negativo, pode nos ajudar a localizar no texto problemas ainda a ser trabalhados. Acho que essa postura tem a ver com aquilo que Sérgio Buarque chamou criticamente de “homem cordial” para qualificar a tendência que temos em misturar as esferas pública e privada. Muitas revistas no Brasil não nos retornam com o parecer, só nos comunicam que o artigo foi recusado, acho que para evitar certos



constrangimentos acadêmicos. Penso que o acesso ao parecer é muito importante para o aperfeiçoamento de nossas ideias.

Luiz Sérgio de Oliveira

Só para concluir, a respeito do que Luciano e Viviane estavam falando, penso que não existe texto que não seja passível de ser melhorado. Na função de editor ou de editora, você recebe textos ótimos e textos não tão bons e percebe que esses textos merecem ser melhorados; você percebe que tem como fazer algum tipo de sugestão para que esse texto ganhe mais interesse para a revista e que venha a ser publicado. Acho que todos os textos são passíveis de melhora. Algo que não existe entre nós é a prática de entregar nossos textos para a revisão de nossos colegas antes do encaminhamento para publicação.

Plateia

Obrigada!

Jorge Menna Barreto

Muito obrigado pelas generosas contribuições, acho que algo que permeia a fala de todos vocês é esse caráter que poderíamos chamar de anfíbio talvez, de uma revista de arte ou de uma revista de artes, como você bem traz. De algo ser suporte para ações artísticas, de acolher produções que não tenham uma temporalidade tão definida, assim como textos críticos, acadêmicos, teóricos. Então acho que esse desafio é o que também temos enfrentado aqui e, trazendo um pouco da experiência como membro editorial da



Concinnitas, é algo que nos tem feito pensar: como imaginar a revista enquanto suporte e não só como meio para um conteúdo *a priori*? Acho que diante do meio impresso talvez isso seja mais fácil porque está mais ao alcance da mão; é um pouco do outro desafio que estamos enfrentado, e que resultou em uma primeira experiência que estamos fazendo e vai ser tornada pública agora na sexta-feira – uma exposição que se chama Revista “Expandida” – e é proposta pela própria revista como uma forma de imaginar esses outros formatos para além do formato de publicação como conhecemos. O que Luiz Sérgio enfatiza, de como se faz essa transição para o meio digital, acho que isso é algo muito importante. A forma como tem acontecido, pelo que eu tenho acompanhado, é que se transfere o conteúdo como se ele fosse um conteúdo impresso para a plataforma digital, mas, às vezes, acaba-se desconsiderando as especificidades do meio digital e fica-se numa relação meio nostálgica com o meio impresso – não se assume a nova identidade do meio digital e acaba-se não utilizando todas as potencialidades desse novo suporte. Por outro lado, acho que também se está lidando com o reposicionamento da própria ideia de leitura no contemporâneo; então, como é o nosso leitor? quem é o nosso leitor? e para quem publicamos? Não só a forma de publicar, mas para quem publicamos. São só alguns comentários que eu tinha para fazer. Gostaria de abrir então para o público fazer comentários, perguntas...

Roberto Conduru

Boa noite. Obrigado a todos. Eu trouxe minha turma de história da arte II, então quero aproveitar e chamar bastante atenção para algo que vocês falaram, que é essa questão da produção do conhecimento que é analisado por pareceristas. Mesmo trabalhos que

tenham sido aprovados por uma banca, depois que são transformados em artigos, passam por pareceristas e, a partir daí, são reelaborados, ou seja, eu acho que foi muito importante a colocação. Tenho alunos de várias etapas de formação, e foi interessante eles ouvirem as três apresentações detalhando como é a dinâmica, o cotidiano, como a revista se pensa, como é que ela se estrutura, como é que os professores pegam a revista que existe em relação a um programa de formação de pós-graduandos, como a revista é algo vinculado à formação e como continua mesmo na formação de pesquisadores. Mesmo que já estejam lá com todos os seus títulos, quando mandam um texto, tem que ter essa disposição, essa abertura, essa humildade para enviar o texto. O texto tem que ser avaliado por dois pareceristas, não identificados, e o autor vai receber os retornos e reelaborar aquilo. Acho que isso dá bem a medida do que é a produção acadêmica de hoje. Ficou bem interessante na fala deles, e o que você falou, Jorge, deu detalhes. Essa questão de como a plataforma digital demanda, talvez, entender o que são as possibilidades de produção de conhecimento. Parece-me que a *Poiésis* apresentou algo-chave que é o que vem a ser a produção de conhecimento na academia. E Luiz Sérgio falou algo que eu também achei muito interessante, ele foi mapeando a relação das revistas que já existiram. Então se você pensa em revistas como a *Malasartes*, sobre a qual vai-se falar amanhã, que é de um determinado momento, é uma revista de artistas e críticos... Na década de 1980, há duas revistas muito comerciais, a *Dasartes* e a *Galeria*. É o momento em que aparecerem duas revistas acadêmicas, a *Gávea*, da PUC e a *Revista de História da Arte e Arqueologia*, da Unicamp. Que são as duas primeiras que aparecem no âmbito acadêmico, não por acaso as duas vinculadas a dois programas de história dos quais surgem especializações em áreas de concentração em história da arte. E essas



revistas das quais se falou hoje, *Concinnitas*, *Tatuí*, *Arte & Ensaios*, *Poiésis*, elas vêm na continuidade desse processo. E é interessante você ver outros modelos de revistas, que hoje é um paradoxo. Eu até gostaria de ouvi-los aqui, todos têm pesquisa nessa área. Como é que vem isso? Porque, se olhamos o que era o meio de arte no Brasil nos anos 80, havia duas revistas comerciais e, de certa maneira, duas revistas acadêmicas. Então tínhamos diferentes veículos, diferentes formatos de texto, e hoje não temos mais revista nenhuma, apesar de o mercado de arte ser muito mais dinâmico do que era nos anos 80; hoje não há nada desse tipo; ao contrário, há muitas revistas acadêmicas, como Luiz Sérgio falou, e eu fico me perguntando: todo programa tem que ter revista? Será que agora há só esse lugar? Porque também fiquei me perguntando, Luiz Sérgio, quando você falou uma coisa que me chamou atenção; naquela época as dissertações e as teses eram impressas, mas hoje, toda dissertação e toda tese depois vai para o banco de tese. Você consulta *on-line*, então aquela demanda anterior de que você precisava transformar dissertação e tese em artigo, hoje você não precisa mais. Porque a pessoa pode ler direto a dissertação e a tese. Então qual é o lugar das revistas? Repara como que o mundo virtual coloca isso tudo em outro patamar. Porque eu não preciso mais transformar a minha tese ou a minha dissertação em vários artigos, porque ela está *on-line*. Ela se tornou pública. Isso coloca para as revistas um outro desafio. Elas têm que ter outro tipo de texto.

Luciano Vinhosa

Eu queria começar com o comentário de Jorge. Sem dúvida, temos que pensar um formato digital que não replique simplesmente o que é possível fazer em papel. A *web* é

outro meio e exige que se pense algo a partir de suas possibilidades. Poderíamos trabalhar com *links*, *vídeos*, *performances* em linha, trabalhos interativos, enfim uma série de coisas que só a plataforma digital permite. Mas o que se tem visto é a migração do papel para meros PDFs.

Viviane Matesco

Nós ganhamos um edital da Faperj...

Vinhosa

Ganhamos, mas não o dinheiro não entrou em nossa conta...

Viviane Matesco

A Faperj não pagou...

Luciano Vinhosa

O recurso da Faperj seria para este propósito – reinventar uma revista digital –, mas enfim... Estado saqueado, Faperj falida, país desmontado... é a nossa realidade atual.

Eu vou falar de forma muito pessoal como, na verdade, utilizo as revistas acadêmicas no meu dia a dia. Primeiro, nós professores que estamos conduzindo nossas pesquisas, ao fazer planos, devemos levar para a sala de aula o que estamos pesquisando. Somos, afinal, produtores de conhecimento e não reprodutores. Então, o que publicamos em nossa revista, nas revistas de outros programas, é extremamente útil e sempre retorna para sala de aula. Porque senão, nada disso faria sentido. Eu frequentemente estou

recorrendo, tanto aos meus próprios textos, quanto aos de colegas. Então, para mim, as revistas acadêmicas têm papel fundamental em sala de aula, não só na de pós-graduação, mas na de graduação também.

Viviane Matesco

Em relação a essa questão digital, ontem mesmo eu estava dando aula e eu estava falando desse aspecto de os alunos pesquisarem só no digital. Eu estava falando da importância de ir a uma biblioteca, e eles olharam para mim como se eu fosse um ET, e eu falei assim: “Gente, e se vocês forem fazer mestrado, doutorado? Como é que vocês vão preparar um curso?” Eu paro, olho para a minha biblioteca, sou totalmente espacial. E as revistas também têm a mesma questão. Entretanto, às vezes me dou conta de que eles têm mais rapidez de organização; então, quando recomendo um autor, eles respondem “mas professora, já tem isso em PDF”. E eles leem muito nas revistas, coisas que eu nem sei que tem; vão procurando aquela questão ou aquele tema e acham nas revistas. Só não sei se têm a capacidade de criticar o que é bom. Também fico em dúvida como que vai ser com a quantidade, como eles vão organizar essas pastas virtuais. Mas acho que o aspecto digital ajuda especialmente com as traduções de textos importantes. O problema não é a revista em si, mas é o sistema Lattes que induz você a publicar, republicar, reduzir. O problema é se restringir a pensar pela cabeça Lattes.

Luciano Vinhosa

Não é o Lattes, é o Qualis.



Viviane Matesco

É o Qualis, pois é.

Roberto Conduru

Qualis é um sistema da Capes que avalia a produção científica e a produção artística. Um sistema criado pela Capes que regula programas de pós-graduação. Eles têm comissões que avaliam os livros e as revistas que são publicados na área. E há critérios para a validação das revistas. Era o que ela estava falando; antigamente você produzia em congresso e valia, e hoje isso vale muito pouco, então... Somos avaliados o tempo inteiro, apesar de dizerem que o professor não é avaliado. Todo ano tem uma avaliação. De quatro em quatro anos, a Capes avalia alguns programas. E avalia a partir desses critérios. E quem estabelece os critérios é da área. Isso é importante dizer; não são os marceiros e nem os norte-americanos que determinam, nem os sudaneses. Quem determina os critérios são os pesquisadores da área de artes. São os nossos colegas que criam esses critérios. Temos de reclamar dos nossos colegas. Eles decidiram que virtual vale.

Luciano Vinhosa

Esta situação é perversa, porque a revista que está começando não tem Qualis, e, então, ninguém quer publicar...

Viviane Matesco

É uma matemática perversa.

Luiz Sérgio Oliveira

Nessa questão das publicações, algo que é importante, embora não seja disso que estamos tratando, é que, quando publicamos em uma revista que ainda não tem Qualis, fazemos com que os avaliadores tenham que ir àquela revista, àquela publicação; com isso, fazemos com que a revista venha a ser qualificada pela Capes, ampliando o escopo de revistas disponíveis para a publicação em artes visuais. Mas o que eu queria dizer a respeito da questão da pesquisa é justamente enfatizar o quanto os programas de pós-graduação em artes no país cresceram nos últimos 30 anos. Nós partimos do zero, com o programa da USP no final da década de 1970, início da de 1980, que durante muito tempo era o único programa de pós de artes do Brasil. Depois a UFRJ criou seu programa, em meados da década de 1980...

Viviane Matesco

Teve a pós-graduação da PUC.

Roberto Conduru

A PUC e a Unicamp são anteriores à UFRJ, mas na área de história.

Luiz Sérgio Oliveira

De história. Uma especialização.

Roberto Conduru

Não, não. Mestrado em história da arte na PUC.

Viviane Matesco

É, mas a especialização, eu acho que tem que dar o crédito, pois foi inovador. Foi superimportante, organizada por Carlos Zilio. Acho que muita gente que está aqui dando aula hoje fez, eu fiz pós-graduação quando Luiz também fez, Sheila Cabo também fez.

Roberto Conduru

Marisa fez.

Viviane Matesco

Marisa. Inúmeras pessoas. Então formou uma geração que hoje atua como professor. O próprio Carlos Zilio, depois, vai para a UFRJ e implementa o programa de linguagens visuais. Então tem uma importância institucional muito grande.

Luiz Sérgio Oliveira

O que eu estou querendo dizer é que existe um projeto de expansão e esse projeto de expansão independe da qualidade do que se fez na PUC-Rio. Nós temos no sistema público esse processo de expansão, que, aliás, não para; a matriz da USP e adiante a matriz da UFRJ, que é, afinal para onde, mais adiante, foram vários professores da PUC. Mas é extraordinário, e é isso que quero enfatizar, que em um intervalo de pouco mais de 30 anos, tenhamos alcançado o que alcançamos em termos de qualidade dos programas, em termos de qualidade das pesquisas desses programas que aparecem nas



revistas, nos livros etc. É claro que isso precisa ainda ser expandido para pensar, por exemplo, o lugar do artista na pós-graduação. Qual o lugar do artista nos programas? Como os programas se preparam para receber os artistas? Mas isso é outro debate que não passa necessariamente pelas revistas.

Minha preocupação é justamente o que se pode fazer para que as pesquisas, quando publicadas em nossas revistas, sejam de fato mais lidas. Luciano lembrou o quanto ele recorre a essas publicações. Eu, invariavelmente, em sala de aula, tanto na graduação quanto na pós, divulgo a plataforma de periódicos da Capes, plataforma com mais de 15 mil títulos em diferentes áreas. E cada título com, digamos, uns cem números, todos com texto integral, e isso tudo com acesso pelo computador de casa. Se, entretanto, eu pergunto aos alunos se eles têm acesso, as respostas são invariavelmente negativas. Eu não tenho a menor dúvida de que em 30, 40 anos, avançamos enormemente no campo das artes, nas pesquisas acadêmicas no âmbito dos programas de pós-graduação etc. Quando se pensa nas revistas de mercado que desapareceram (falou-se da *Galeria*, *Malasartes*, eu lembrei da *Módulo*, revista de arquitetura que em 1984 publicou um número especial com a exposição Como vai você, geração 80?, o catálogo da mostra). Hoje, isso desapareceu. Mas você tem uma produção muito rica no âmbito universitário. A questão é o quanto o texto está sendo lido, circulando e o que podemos fazer para que isso tenha uma pegada mais interessante.

Luciano Vinhosa

A respeito do que Luiz falou, acho fundamental a pergunta sobre o lugar do artista na universidade. O fazer artístico é um modo de produzir conhecimento diferente da teoria



que se utiliza da linguagem escrita. No caso de uma revista em papel, o suporte é muito limitado para acolher a diversidade da expressão artística e de seus suportes. Pensar um novo formato para as revistas, migrar do papel para a plataforma digital com inteligência abrirá possibilidades expressivas que o papel não permitiria. Por outro lado, o papel é um suporte muito adequado ao desenho, à imagem fotográfico, essa qualidade se perde na web.

Luiz Sérgio Oliveira

Em cima disso que você está falando, eu acho que, apesar das dificuldades, é muito mais fácil acolher os artistas nas revistas do que os acolher nos próprios programas. Acolher o artista como artista, o artista como tal. Eu não quero me alongar porque acho que essa não é a questão do nosso encontro, mas o grande desafio que vejo é justamente pensar no lugar desse artista, esse artista que se apresenta plenamente como artista em nossos programas. É mais fácil acolhê-lo nas revistas do que nos programas. É importante salientar que, quando falamos das revistas, estamos falando de projetos institucionais, que não são projetos “linkados” a uma ou a duas pessoas. Isso é importante, porque isso garante uma continuidade, uma vez que são revistas de programas. As pessoas que estão nos programas, eventualmente adiante não estarão mais. Mas se as revistas tiverem fôlego, como projetos institucionais, têm condição de continuar.

Viviane Matesco

É diferente da *Malasartes*. A *Gávea* é de uma universidade particular...



Viviane Matesco

Porque acabou a *Gávea*? Próximo capítulo, amanhã.

[Risos]

Luciano Vinhosa

Vocês esqueceram da *Item*.

Jorge Menna Barreto

Vão falar amanhã.

Viviane Matesco

Ele estava no meio de um raciocínio...

Roberto Conduru

Quem?

Viviane Matesco

Você!

Roberto Conduru

Eu achei interessante isso que Luiz Sérgio trouxe, da dimensão institucional. Essa dimensão institucional, eu diria, é a longevidade dela. Então o exemplo da *Poiésis* é bom,



em função disso que Luciano falou; existia uma revista, e dois professores a reformataram. Hoje mais cedo nós ouvimos isso de cinco representantes da *Arte & Ensaíos*, que é uma revista que tem algumas fases: a que eu brinquei chamando de pré-história que é antes de ela ganhar dimensão, porque Ronald falou que só tinha circulação interna; o período em que Glória Ferreira foi editora com Paulo Venancio; o período de Maria Luisa e Ana Cavalcante; o período de Cesar Bartholomeu e agora o novo período, que já está em formação, com Ivair Reinaldim e Elisa de Magalhães. Então, por um lado, ela é institucional, mas todas elas perdem um tanto para aquele charme – temos que admitir isso – que a *Malasartes* tem, que é uma revista dos anos 70, de um grupo. Então elas são por um certo sentido mais potentes enquanto personalidades, enquanto as outras, às vezes eu sinto um pouco isso, todas as revistas têm programas, as revistas são do programa e espelham de certa maneira as linhas dos programas. Às vezes é difícil ver uma personalidade. Por exemplo, vou falar de casa, daqui. A *Concinnitas* tinha uma peculiaridade, depois de uma certa maneira ela começou a copiar a *Arte & Ensaíos*, em algum momento. Passou a ter entrevista com artista, artista fazer capa, ter tradução. Tudo o que ela não tinha antes. Por sua vez, essa história de tradução, da *Arte & Ensaíos*, vem da *Gávea*. Às vezes eu fico me perguntando quando é que os programas vão ter perfis – eu concordo com o que você falou, que em 30 anos muito foi feito. Não há como não reconhecer isso. Mas acho que, se queremos olhar para adiante, cabe as revistas, assim como os programas ter mais personalidade. E ir afunilando isso de tal modo que você pense “Tenho que fazer pós-graduação naquela universidade”. Um pouco como foi com a Unicamp. Que tem uma história da arte que em determinado momento quem quisesse estudar tradição clássica da arte europeia ia para a Unicamp, que era o lugar



em que estavam os grandes especialistas. Hoje, por exemplo, nós temos aqui alguns especialistas, até formados na Unicamp, então há quem venha para cá estudar com o Ragazzi, Berbara, com a Tamara e por aí vai. Mas, enfim, acho que estamos em um processo, e Luiz Sérgio contou bem essa trajetória de 30 e poucos anos. Quem sabe, no futuro, o problema das revistas não será ter perfis demais... Mas, enfim, também é natural que algo que tenha longevidade, e eu vejo que vocês estão aí para além do número 28, 29, então é natural também a revista ter fases.

Viviane Matesco

Ouvir você falando isso me fez pensar no nosso caso, na *Poiésis*, por exemplo: um editor de sonoridade, como o Giuliano Obici, inventaria alguma coisa diferente. Porque só tivemos editores de artes visuais, então tem essa cara de artes visuais. Eu acho que talvez a especificidade do nosso programa se mostre mais com uma multiplicidade de editores de várias áreas, porque temos essa singularidade. Eu fico até imaginando... eu vou propor isso.

Luciano Vinhosa

O professor Giuliano Obici é uma boa.

Viviane Matesco

É.

Luiz Sérgio Oliveira

Eu queria falar algo em relação ao que o Conduru pontuou. Me parece que quando pensamos nas publicações, essa longevidade é real, quando você vê as revistas passando de mão em mão e isso tendo, de alguma maneira, continuidade ao lado de algumas mudanças. Luciano mencionou as seções que ele desenhou quando assumiu a editoria com Martha D'Angelo. Lembro que adiante eu incorporei, trouxe para a revista outras seções. E a ideia era que a revista tivesse um repertório de seções e que, em um determinado número, nada impedisse que tivéssemos de novo um DVD. Isso não quer dizer que em todo número tivéssemos necessariamente um DVD encartado; na verdade, é um repertório de possibilidades na mão dos editores para que eles utilizem neste ou naquele número. Outro ponto que fico pensando e concordo plenamente quando você [Conduru] fala dessa questão da personalidade. Os programas têm uma tendência a ficar parecidos e, é claro que isso acaba sendo refletido também nas revistas. Quando se menciona a *Malasartes*, eu gostaria de fazer um paralelo com o mundo do *rock'n'roll*, em que todos que morrem aos 27 anos viram mito. Claro que é preciso ter talento, não basta morrer aos 27 anos. Penso que isso é algo sobre o que é importante ter clareza. Isso porque quando falamos dessa tal personalidade, daquilo que um programa eventualmente tem de diferencial, não podemos desconhecer o quanto as políticas públicas da pós-graduação tendem a um processo de homogeneização. Não faz muito tempo, participei de algumas reuniões do Qualis em Brasília e pude constatar o quanto o processo de avaliação é indutor. O que acontece é que a avaliação da Capes, em outras palavras, acaba afirmando que “se fizerem isso, assim, vocês estarão bem”. Então, quando falamos em criar essas distinções, na verdade, é a agência que regula...



Viviane Matesco

E que dá dinheiro.

Luiz Sérgio Oliveira

Ela, de certa maneira, aponta para outro caminho. Você [Conduru] tem razão quando diz que “esses critérios são pensados por colegas da área”; isso é verdade e também não é bem assim. Porque, quem são esses colegas? como isso é desenhado? Sinceramente, eu não sei. Mas eu acho que estamos passando por uma fase que, talvez, quando se chega aos 30 anos [os programas de pós-graduação em artes] se começa a tomar tenência na vida. Como se dissesse, “já vivi bastante, posso tentar encontrar o meu próprio caminho”. Acho que esse caminho é algo ali à frente, esperando para ser descoberto. Esse caminho, seguramente, precisa se fazer desvencilhado desses processos avaliativos, que acabam por tornar todos os programas parecidos.

Fernanda Pequeno

É. Até essa questão da plataforma, a plataforma digital que poderia abrir possibilidades de ter links, vídeos etc., a OJS é tudo em PDF, então mais limita do que replica o acesso ou as possibilidades, incluídas as imagéticas, e tudo assim, das publicações da área.

Roberto Conduru

Para mim, ela é a prova da nostalgia do impresso. Nostalgia do impresso porque como você traduz uma revista impressa num meio digital, através de PDF. Para mim, isso não é o meio.

Jorge Menna Barreto

Acho que ficamos mordidos também quando nos é tirada a possibilidade de imprimir, e essa talvez seja uma forma de resolver que opera por substituição. Bacana seria se fosse por multiplicação. Ter o impresso e também pensar para além do impresso. Eu fico com essa sensação de perda...

Roberto Conduru

Ninguém diz que não pode imprimir. Poder pode. Só ir atrás do dinheiro. Mas nós estamos acostumados com o mundo público...

Luciano Vinhosa

Nas universidades federais, eu não sei como é na UERJ, mas a cada número que se faz é um novo pregão aberto em todo o território nacional. Então, para cada número, uma nova gráfica. Fica difícil manter um padrão de impressão. É uma loucura, desanimador...

Roberto Conduru

Eu acho que a imagem do Luiz Sérgio é perfeita. De o artista morrer cedo... Mas aí, vamos fazer justiça, você analisa aqueles dois ou três números para comparar com dois ou três números de muitas revistas acadêmicas, as revistas acadêmicas não vão...

Luiz Sérgio Oliveira

Mas eu disse que tem que ter talento.

Jorge Menna Barreto

Eu queria agradecer imensamente a presença de vocês, que muito nos enriquece. Esse material todo foi gravado, filmado e nós também pretendemos usar isso com a autorização de vocês.

Viviane Matesco

Vocês estão de parabéns pela iniciativa do seminário e da publicação, de discutir essas questões que permeiam as publicações. E é bom ver todos aqui, os professores e os alunos, lutando e trabalhando.



LISTA DE IMAGENS



Figura 1: Luciano Vinhosa com a revista *Poiésis*, n. 10. Registro realizado durante o seminário Artes em Revista. Fotografia: André Sheik, 2017.



Figura 2: Capa da revista *Poiésis*, n. 11, novembro de 2007. Fonte: <http://www.poiesis.uff.br/>

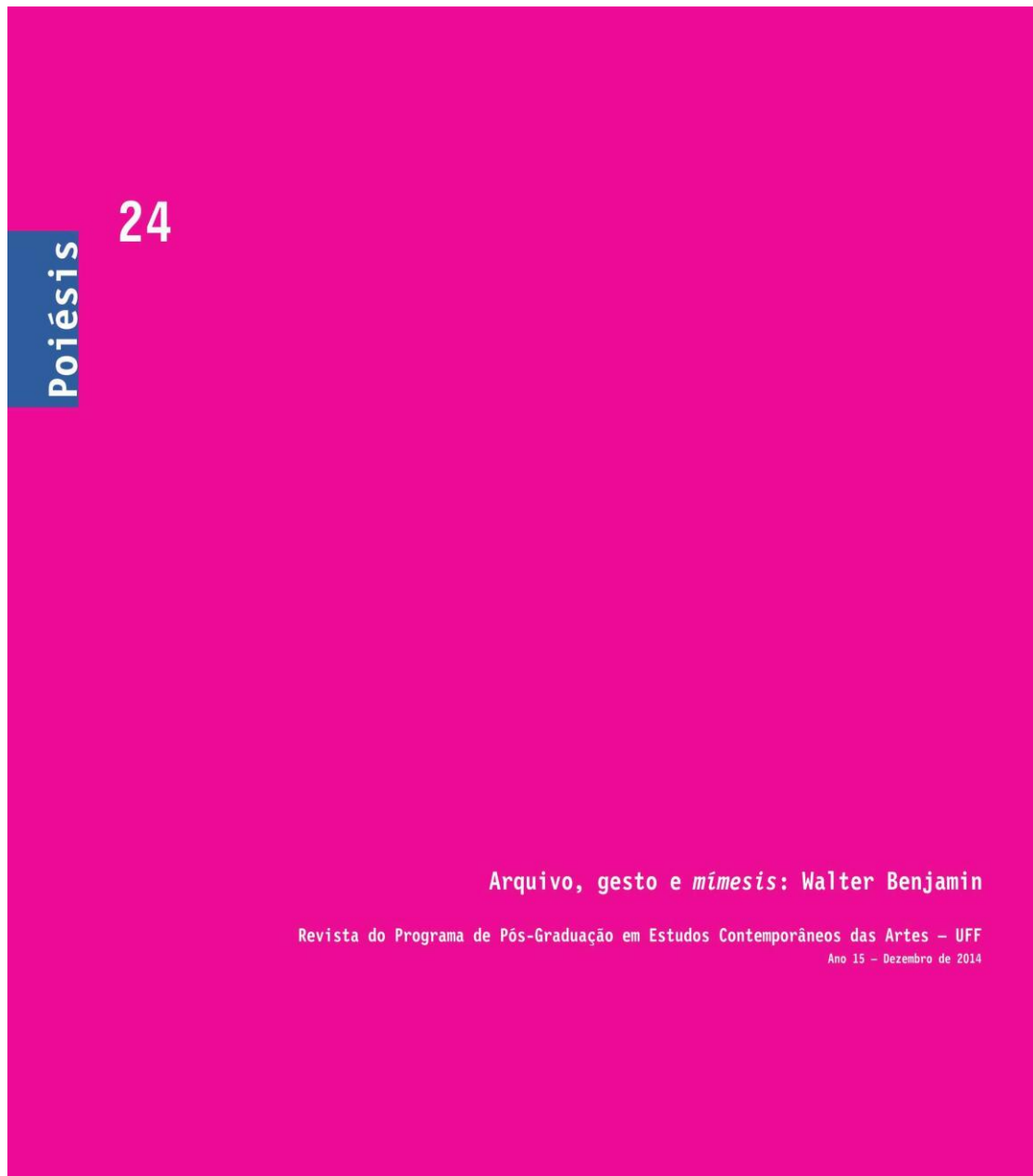


Figura 3: Capa da revista *Poiésis*, n. 24, dezembro de 2014. Fonte: <http://www.poesis.uff.br/>